

**ESTÉTICA DA VIOLÊNCIA URBANA: O RIO DE JANEIRO NA FICÇÃO**  
**JOÃOANTONIANA**

Camila Marcelina Pasqual<sup>1</sup>

**RESUMO**

O texto discute a questão da violência no universo literário de João Antônio, como efeito do processo de urbanização que, invariavelmente, privilegia o centro e os bairros nobres em detrimento dos bairros periféricos. Este processo de características segregadoras provoca reações enérgicas dos personagens suburbanos representados na ficção do autor, descontentes com as precárias condições de infraestrutura e as gritantes diferenças sociais do Rio de Janeiro. Este comportamento tendencioso das autoridades governamentais leva os personagens suburbanos a encarar o centro urbano como um mundo hostil, o que gera conflitos e aumenta a separação entre estes dois espaços urbanos. Por fim, conclui-se que a modernidade como um todo se revela contrária as tradições do passado da cidade, o que torna o ser humano isolado, mesmo quando se encontra em meio da multidão. Exilados no subúrbio degradado, os personagens percebem que ninguém realmente é feliz naquele lugar, que se configura, como o refúgio dos infelizes.

*Palavras-chave:* Modernidade; Segregação Social; Subúrbio; Urbanização; Violência.

**ABSTRACT**

This text discuss the question of violence in João Antônio's literary universe as an effect of urbanizing process which, generally, favors downtown and rich neighbors against peripheral neighbors. This process with segregational characteristics provokes vigorously reactions of suburban characters represented in author's fictional production, unhappy with bad infrastructural conditions and enormous social differences on Rio de Janeiro. This tendentious behavior of government authorities inducts suburban characters to face downtown as an hostile world, what generates conflicts and enhances the state of separation between these two urban spaces. At last, it concludes that Modernity as a hole reveals itself as contrary to traditions of city's past. This makes human being isolated even when in the middle of the crowd. Exiled in degraded suburban, characters realize that no one is really happy in this place that is configured as the refugee of the unhappy.

*Key-words:* Modernity; Social Segregation; Suburb; Urbanization; Violence.

Benjamin tinha como um de seus objetivos desenvolver um projeto de análise crítica da modernidade, que estabelecesse Paris como a “capital do século XIX”, tendo a obra de Baudelaire como seu centro, onde o poeta francês evocava, de forma peculiar, a poesia da cidade parisiense (CRUZ, 2009, p. 03). O que atraía a atenção do crítico com relação à obra do poeta francês era o aspecto singular que ele atribuía à cidade grande: o da decrepitude e caducidade (BENJAMIN, 2007, p. 378). Apesar de todo o luxo e conforto prometidos pelo processo de reurbanização da capital francesa, empreendido pelo prefeito Georges Haussmann, Baudelaire notava que a cidade envelhcia, se degradava paulatinamente, pois não possuía infraestrutura para abrigar o enorme contingente de pessoas que habitava, de forma precária, a Cidade Luz. Eis o porquê da visão de decrepitude e caducidade que o poeta alimentava em relação à Paris do Segundo Império. Era a visão de uma cidade incapaz de cumprir mesmo as menos significativas das promessas que a propaganda oficial do governo francês procurava impingir ao povo.

Convém ressaltar que, em termos de Brasil, bem como em grande parte da América Latina, os textos benjaminianos sobre a Modernidade passaram a ser alvo de discussão mais intensa a partir da segunda metade do século XX. Entretanto, respeitando as diferenças históricas, geográficas e sociais entre Europa e América Latina e, no caso, o Brasil, acreditamos ser possível utilizarmos as

---

<sup>1</sup> Camila Marcelina Pasqual. Doutoranda em literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) camilapasqual11@hotmail.com

teorias de Benjamin sobre a ótica de Baudelaire a respeito do fenômeno das grandes metrópoles com vistas a esboçar um retrato da produção literária de João Antônio no que diz respeito ao processo de urbanização da metrópole carioca. Assim sendo, à luz das propostas benjaminianas, examinaremos como as narrativas de João Antônio, ambientadas no Rio de Janeiro, retratam o problema da violência que ameaça a vida cotidiana dos moradores dos subúrbios cariocas. A escolha da obra do contista paulistano se justifica porque ele, assim como Baudelaire, não se cansou de, em sua obra, denunciar as mazelas que afligem a população pobre dos subúrbios brasileiros, como a falta de infraestrutura em termos de transporte, moradia, falta de trabalho e, acima de tudo, a escalada da violência que assombra a metrópole em processo célere de degradação.

Um dos mais relevantes fatores a contribuir para um estado de conflito permanente, embora nem sempre manifesto e fácil de precisar, entre os personagens joãoantonianos que vivem precariamente nos bairros periféricos das metrópoles e os que residem no centro e bairros nobres, é o aumento constante da violência. Essa violência urbana vem se acentuando desde a Revolução Industrial e a aceleração do processo de modernização das grandes cidades. A Modernidade, ao propagar a necessidade de se alcançar sucesso, fama e fortuna a qualquer preço, induz os homens a tentar, por todos os meios possíveis, realizar seus desejos e ambições, sem se importarem com as consequências e implicações de seus atos. A violência, em suas diversas formas, é utilizada para alcançar objetivos pessoais, deixando em segundo plano aspectos como moral, honra, solidariedade, amizade e respeito ao próximo.

Essa violência, provocada em sua maior parte pelas contradições resultantes dos processos de urbanização, se manifesta, principalmente nos subúrbios, sob vários aspectos: a opressão da falta ou escassez de trabalho, os baixos salários, que mantêm os trabalhadores presos às indústrias e empresas por falta de opção, e a omissão das autoridades na produção e manutenção da infraestrutura urbana.

No caso específico do Rio de Janeiro, a violência social institucionalizada e sacramentada pela ditadura instaurada a partir do Golpe Militar de 1964, consolidava-se na imposição a Estados e Municípios de senadores e prefeitos, respectivamente, sem que fosse permitida ao povo a escolha destes por meio do sufrágio universal. O escritor João Antônio, como homem de seu tempo, estava atento a este tipo de situação política e, em *Ô Copacabana!*, utiliza a ironia cortante do narrador, para comentar que:

[...] Nosso preclaro prefeito, homem doutorado, democrata e cristão no duro, atento administrador já nos explicou, com generosidade e temperança, saber e espírito orientador que, além da taxa do lixo, devemos pagar os mais altos aluguéis do país. [...] Quanto ao prefeito, ninguém votou nele. Os tempos não estão para isso. Ele nos foi dado de presente. Ou, melhor, imposto. Indicado, conforme o feitio das falas oficiais. Assim, vivemos como crianças incorrigíveis, autômatos ou débeis mentais. (ANTÔNIO, 2001, p. 27)

A desconfiança para com os políticos e o governo em geral sempre foi voz corrente entre a alta e a baixa malandragem do universo ficcional do escritor. É o narrador de *Leão-de-chácara* quem esclarece essa desconfiança: “Os homens lá em cima assinam um papel e a gente aqui embaixo, na vida, vai comendo quente, agüentando ripada no lombo e cadeia. Comendo o pão que o capeta amassou com o rabo”(ANTÔNIO, 2002, p. 38). Em *Ô Copacabana!*, ainda somos brindados com informações sobre o aumento galopante da violência civil, não só naquele bairro, mas em todo o Rio de Janeiro. O narrador comenta, em tom irônico, que:

São pormenores igualmente sem significação a média de quatro trucidados diários pelo Esquadrão da Morte na Baixada Fluminense. Afinal, só setenta e cinco por cento da população carioca vivem lá, miseravelmente. Não passam de três milhões e duzentos mil habitantes. São só 1.262 quilômetros quadrados de miséria, desorganização urbana, violência policial, corrupção política e relações podres, a

desconfiança e o medo massacrando. (ANTÔNIO, 2001, p. 37)

Embora João Antônio lance mão de uma linguagem sarcástica e irônica para descrever a violência decorrente da repressão militar, sua intenção é denunciar os resultados negativos do que se convencionou chamar “Milagre Brasileiro”. Devido aos sonhos de grandeza acalentados pelo poder político-militar dos anos 1964-1978, que redundaram em obras gigantescas, “faraônicas”, como a construção da estrada Belém-Brasília ou da usina hidrelétrica de Itaipu, a carga de sacrifícios impostos ao povo brasileiro, encarregado de pagar os ônus do surto desenvolvimentista, foi enorme. É essa grande injustiça o alvo principal do contista paulistano. Sobre a escalada da violência no início dos anos 1970, comenta Karl Erik Schollhammer:

Por um lado, a violência foi considerada um resultado negativo do milagre econômico e do entusiasmo desenvolvimentista brasileiro, que desencadeou um crescimento explosivo dos centros urbanos e de suas populações, sobretudo do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em poucas décadas, o Brasil transformara-se de agrário e coronelista num país predominantemente urbano, com todos os problemas sociais decorrentes de uma urbanização problemática. [...] Por outro lado, a violência foi nos anos 60 e 70 associada à condição política da chamada ‘revolução de 64’, cujo rótulo romântico encobria um golpe militar que interrompeu o processo democrático, dando início a um longo período de autoritarismo político e de lutas clandestinas contra o regime. (SCHOLLHAMMER, 2007, pp. 29-30)

Além da violência social, os personagens dos subúrbios cariocas também se ressentem da falta de segurança física, patrimonial e de cunho sexual. Em “Testemunho de Cidade de Deus”, Maria Isabel, personagem que mora em uma das triagens da comunidade, reclama da falta de segurança que sente dentro da própria casa, onde quase foi estuprada.

‘Eu? Claro que gostaria de morar numa das casas. Lá, pelo menos, teria segurança. Imagine, ontem fui agredida dentro de casa por um homem que queria me pegar à força na frente da minha filha e da minha sogra. Precisou de uma sogra aí dar um sarrafo nele. Um chega pra lá, entendeu? Eu não posso sair de casa, à noite, porque os caras estão aí fora, nas esquinas, tocando a gente. E é aquela coisa, já viu? O que tem mais aqui é homem querendo agarrar mulher dos outros. E é no pulso. Na marra. Na mão.’ (ANTÔNIO, 1976, p. 101)

O medo dos estupros é confirmado pelo testemunho de outra personagem, a doméstica Neide, que confidencia: “O pessoal aqui bebe muito e os homens ficam querendo agarrar as mulheres. Isso acontece todos os dias.” (ANTÔNIO, 1976, p. 102). Encontra-se, aqui, uma somatória de fatores que contribuem para essa realidade de insegurança das personagens, mesmo quando se encontram dentro de suas casas: falta de trabalho, com grande número de desocupados; consumo excessivo de bebidas alcoólicas, com suas conseqüências desastrosas para a convivência no conjunto habitacional e o abandono por parte das autoridades policiais, o que sugere um clima de impunidade, encorajando a prática de crimes.

Não são apenas os crimes de cunho sexual, contudo, que preocupam o imaginário dos personagens de “Testemunho de Cidade de Deus”. Outros moradores da mesma comunidade sofrem com os constantes roubos de seus parques pertences e com a inutilidade de recorrerem à polícia, pois além de não colherem resultado algum, ainda podem ser mortos por causa da denúncia. É o que se constata no depoimento da personagem Ana Rita de Jesus, moradora da triagem de Cidade de Deus há apenas 25 dias.

‘A minha vizinhança lá é só ladrão e mendigo. Nem quero falar nisso que fico mais nervosa. Roubaram tudo o que eu tinha de bom lá. Foram os meus vizinhos que carregaram. Levaram o fogãozinho de duas bocas, o toca-discos, o bujão de gás,

tudo novo que eu tinha comprado para mudar para lá. O meu marido foi reclamar e conseguiu que o pessoal do Distrito prendesse um dos ladrões. Mas as coisas que eles roubaram não voltaram para a minha mão. E os outros ladrões, que foram presos, ameaçaram ele de morte; ‘você vai cagüetar que a gente te apaga numa quebrada’. Então, o meu marido, que não é besta nem nada, resolveu dar no pé e abandonou tudo. Casa, mulher e tudo. [...] Já não vou falar mais com a polícia porque os ladrões, tudo meu vizinho, disseram que, se eu reclamar, eles me matam. Meu marido já se mandou. Sabe, se eu pudesse, voltava com muita alegria pra favela’. (ANTÔNIO, 1976, pp. 95-98)

O ajudante-de-carpinteiro Alcebíades, há 28 dias na triagem, comenta, com muita cautela, sobre a situação de insegurança que reina no local: “‘Aqui perto já houve assalto. Tem distrito policial, mas sabe como é: a polícia lá vai ter tempo de cuidar de tanta gente. Não pode tomar nem conhecimento. Já houve assalto aqui perto. Só que eu não sou otário de dizer como é que foi’” (ANTÔNIO, 1976, p. 100). O estado constante de tensão, desconforto e desconfiança entre os moradores da comunidade de Cidade de Deus deriva, principalmente, da forma como a população do local foi constituída. Afinal, nada menos do que 63 favelas “doaram” moradores para aquele conjunto habitacional. Com isso, explica Alba Zaluar, não foi possível criar, a princípio, os mesmos tipos de relacionamento social pré-existent nas favelas de origem. Segundo a antropóloga, o esfacelamento do tecido social vigente na favela, e que foi elaborado pela ação de associações “[...] voluntárias (religiosas, recreativas, de defesa de interesses, etc.) e redes informais de vizinhos, foi provocado pelo fato de que a remoção compulsória não deslocou os moradores conforme o seu local de origem, mas conforme a sua renda” (ZALUAR, 2000, p. 70). Há, também, rumores de intervenção de forças políticas, bem como de redes de relacionamento entre aspirantes a moradores na nova comunidade e alguns funcionários da estatal responsável pela remoção e instalação dos ex-favelados.

A problemática dos estupros, roubos e assaltos presentes na narrativa de “Testemunho de Cidade de Deus” e a injustificada ausência dos órgãos públicos que deveriam oferecer segurança para a população suburbana, são frutos dos aspectos contraditórios inerentes ao processo de modernização. Enquanto aos personagens dos grandes centros urbanos não falta, em geral, presteza policial e rapidez da justiça, os personagens que residem nos bairros periféricos se veem entregues à própria sorte. Sobre o porquê dessas discrepâncias da modernização, Willi Bolle aponta para:

[...] um paradigma de reflexão sobre o fenômeno contraditório da modernidade. Observa-se, nos séculos XIX e XX, o choque entre, de um lado, os ideais da ‘modernização’ e do ‘progresso’ e, do outro, o atraso e a barbárie reais: com relação à população mundial, aumentaram a pobreza e a miséria, graves problemas econômicos continuam sem solução, os valores do humanismo caíram em descrédito, e em toda parte observa-se uma decadência da ética política e um aumento da violência e da destruição. (BOLLE, 1994, p. 18)

Este choque entre modernização e barbárie se por um lado impacta fortemente os personagens adultos de “Testemunho de Cidade de Deus”, por outro se faz sentir ainda mais implacável e pernicioso para os personagens que ainda se encontram na infância ou adolescência. É possível dizer que a vida de crianças e adolescentes nas ruas dos subúrbios e centro do Rio de Janeiro constitui um retrato da violência infantil no Brasil. Motivados, muitas vezes, por graves problemas familiares, meninos e meninas fogem ou são expulsos para as ruas, ficando sujeitos ao único tipo de “educação” presente neste ambiente desregrado. É o que relata o narrador, Jaime, de *Leão-de-chácara*, ao relembrar as dificuldades que enfrentou desde a sua infância:

Não sou menino. De mais a mais, foi cedo que aprendi, debaixo de porrada, a ver salamaleques as coisas desta vida. Como outros, rolando na noite e nas virações,

ganhei cedo um nome de guerra: Pirraça. Que desde pixote eu sou um mordido, um emburrado, não deixando para tirar forra de desacato depois da hora: deveu para Pirraça, tem que me pagar ali, em cima do lance e depressinha. Engraxeí, lavei carro, vendi flores, amendoim, fui moleque de vida brava e, que me lembre, não tive grandes colheres de chá nem no Catumbi, nem no Estácio e nem em Fátima, lá nos barracos onde me criei. (ANTÔNIO, 2002, p. 30)

Os personagens crianças ou adolescentes dos contos de João Antônio, que se veem privados, por diversas razões, da convivência com suas famílias, além dos perigos e dificuldades da vida errante nas ruas da grande cidade, acabam não podendo contar com o apoio familiar na formação cívica, moral e social que cabe à família prover. Sobre o papel da família na formação do caráter, Roberto Schwarz explica que:

[...] a família, de preferência abastada, é a intocável depositária da ordem e do sentido da vida. Oposta ao egoísmo do celibato e ao desperdício da viuvez, à esterilidade das relações passageiras e à brutalidade das relações desiguais, à irregularidade em geral, à obscuridade da pobreza, à aridez do trabalho, e a outras mais desgraças do país, a vida familiar é a esfera reparadora em que as disparidades sociais e naturais devem achar consolo e sublimação. Agente civilizador, ou refúgio dos civilizados, é ela o critério da moralidade e da racionalidade das ações humanas, e seus desencontros — que são dificuldades, mas não problemas. (SCHWARZ, 1981, pp. 66-67)

Em conformidade com as observações de Schwarz, percebemos que uma das mais insidiosas e danosas formas de violência, raramente relatada, é a doméstica. Praticada, em geral, por parentes masculinos contra vítimas do sexo feminino, deixa graves seqüelas emocionais. Em *Ô Copacabana!*, a personagem Mariazinha Tiro-a-Esmo sofreu violência sexual e fugiu de casa para o mundo da “viração”: “Aos doze foi seduzida pelo pai alcoólatra e saiu de casa para sempre, caiu no bairro de Fátima e na Lapa, onde viveu entre marafonas, camelôs, gente sem eira nem beira, merdunchos, pingentes urbanos”(ANTÔNIO, 2001, p. 102). O exemplo mais emblemático da influência maligna do ambiente das ruas sobre o caráter de uma criança é mesmo o de Mariazinha Tiro-a-Esmo, que mal completara doze anos e:

Começa, então, a pintar nas festinhas de embalo enturmada com as bandidetes e faz ponto no Castelinho, no Leme e no Lido. Quando a polícia aperta o cerco sobre as pivetes, por causa da maconha, assalto, furto ou outras estrepolias e aprontações, Mariazinha Tiro-a-Esmo enviesa nas fugas para a Rocinha, Catacumba, Macedo Sobrinho, Morro do Catumbi, Morro de São Carlos, Santa Teresa ou alguma favela onde ainda tenha chance. [...] Tem conhecido dias de fartura e dormido em soleira de portas, entradas de edifícios, botequins. Os iniciados em malandragem costumam chamá-la de pivete, carro novo, bandidinha, mini-girl, leoa, bandidete, piranha, filhinha, piniqueira.”(ANTÔNIO, 2001, p. 102)

Sobre os problemas do encurtamento ou ausência total de infância, como ocorreu no caso de Mariazinha Tiro-a-Esmo, comenta Hohlfeldt que a infância é um estágio da vida que se mostra vital para a formação do caráter e socialização do indivíduo. Em alguns casos, porém, uma inoportuna e indesejada iniciação sexual precoce ocorrida no próprio âmbito familiar, onde a criança deveria, a princípio, encontrar proteção, pode apresentar resultados desastrosos para a formação da criança. Esta pode reagir à situação constrangedora e traumática de diversas formas: mostrando-se arredia ao convívio social, explodindo em atos de revolta e violência ou buscando apoio em pessoas estranhas ao meio familiar:

A predisposição ao autoritarismo, em ambiente essencialmente violento é uma constante, e assim, sentimentos como o de solidão, medo e necessidade de autovalimento e permanente desconfiança alternam-se nas personagens, que apresentam fortes sentimentos de marginalidade, desespero e dependência, unindo-se em pequenas gangues, não ultrapassando, contudo, sua própria desconfiança. (HOHLFELDT, 1997, p. 11)

Ao examinar o relato das peripécias e desventuras de Mariazinha Tiro-a-Esmo, verifica-se a pertinência das ponderações de Hohlfeldt, tendo em vista que a personagem, ao se enturmar com as “bandidetes” da prostituição, acaba arrumando um arremedo de pai na figura de um mulato de uns quarenta anos, que lidava com jogo do bicho e se comportava ora como “padrasto”, ora como amante prepotente. No geral, porém, apesar de todas as dificuldades e traumas enfrentados pelos personagens infantis, o tempo passa implacável e, bem ou mal, os malandrinhos e “bandidetes” acabam crescendo para se tornarem malandros de verdade.

Ao chegar à idade adulta, contudo, o malandro continua sofrendo os efeitos negativos do choque entre modernização e barbárie. Esta nova etapa da vida desses personagens malandros do universo joãoantoniano, agora já adultos, é marcada pela sombra constante de uma ameaça difícil de ser driblada: a violência policial. A ação nefasta dos homens da lei pode ser melhor observada a partir da narrativa do protagonista de *Leão-de-chácara* sobre uma das esporádicas investidas policiais sobre a zona da Lapa carioca. O leão conta que no ano do IV Centenário do Rio de Janeiro, os agentes da Divisão de Costumes agiram com rapidez e fecharam hotelecões, meteram muito explorador e mulheres na cadeia. Outras unidades policiais ajudaram a “limpar” a cidade, que ia receber gente importante e precisava ficar “bonitinha” para as comemorações de seu aniversário. No gigantesco arrastão, ladrões, prostitutas, pedintes, pessoas maltrapilhas, indigentes, esmoleiros e até cegos de rua passaram por grandes apertos. Toda a chamada “arraia miúda”, de engraxate a aleijado, passando pelos limpadores de carro, acabou indo mofar no xadrez.

Os ambientes famosos por abrigarem a vida noturna da cidade eram um dos alvos prediletos da polícia. A Galeria Alaska, antro da boêmia de Copacabana, de tempos em tempos costumava receber o que, no linguajar típico de malandros e policiais, era conhecido como “batida”. Essa operação policial visava prender qualquer um que estivesse portando drogas ilícitas. Vale notar, entretanto, que esse tipo de medida repressiva não surtia efeitos duradouros, pois a vida noturna na Galeria não se alterava, mesmo após receber o arrastão policial, conhecido, também, como batida, limpa ou blitz. A cada investida, de seis a oito frequentadores acabavam encaminhados para a cadeia. Bastava que o cidadão estivesse portando qualquer coisa que lembrasse tóxico. Assim que o camburão lotado partia para o distrito policial, a vida voltava ao normal na Galeria e as mesmas contravenções eram praticadas novamente. E abertamente.

A ação rápida e eficiente da polícia na tentativa de “limpar” o centro da cidade, incluída aí a zona de meretrício, era prática comum desde os tempos da *belle époque*, como assinala Sevcenko: “Desencadeia-se simultaneamente pela imprensa uma campanha, que se prolonga por todo esse período, de ‘caça aos mendigos’, visando à eliminação de esmoleres, pedintes, indigentes, ébrios, prostitutas e quaisquer outros grupos marginais das áreas centrais da cidade” (SEVCENKO, 1983, p. 34). Por traz deste comportamento intolerante e violento encontrava-se a prática da segregação social, que visava reservar a porção mais central da cidade para as elites, ou pelo menos modelar por esse padrão todos ou tudo que passasse ou se instalasse naquela região nobre do Rio.

Ao analisar a narrativa de João Antônio é possível perceber a existência de grandes períodos de tolerância das forças policiais em relação ao que se passava nas zonas de boêmia da cidade. Por causa disso, a vida era normalmente tranquila para os leões-de-chácara da Lapa e de Copacabana, bem como para toda a noite boêmia. Tranquila, é preciso frisar, em relação a ações enérgicas das autoridades. Entretanto, vez por outra, tal clima de serenidade costumava ser quebrado pelo erro, pelo “vacilo” de algum desses leões, que extrapolava suas funções e acabava motivando repressões policiais ainda mais radicais. É o que ocorreu no caso do “leão” Miçanga, que

deveria tentar levar na conversa, na chamada “baba de quiabo”, um “trouxa” que tinha bebido e se divertido e se recusava a pagar. Ao contrário, Miçanga acabou metendo os pés pelas mãos e agrediu o “otário”. Este, porém, sacou da arma e acertou um tiro no peito do baterista do conjunto. O barulho do tiro foi como um sinal para que a casa noturna virasse uma confusão, com corre-corre, mulheres desmaiando, e a polícia chegando e “descendo o cacete” (ANTÔNIO, 2002, p. 42). Miçanga ainda conseguiu fugir antes da polícia chegar e nunca mais foi visto.

Outro episódio que se tornou famoso na história da leonagem da Lapa carioca foi o de Miguelito. Enciumado porque a mulher que explorava iria sair com um “trouxa” qualquer, o leão perdeu a cabeça e matou o rival. Com isso, até a casa noturna onde ele trabalhava foi fechada pela polícia. Miguelito rompeu uma “lei” da malandragem segundo a qual malandro não pode ter ciúme de marafona.

O perigo e a violência, porém, podem estar apenas esperando para serem deflagrados no próprio seio da “curriola”. Muitas vezes, o motivo é um ajuste de contas com alguém que, mesmo que só aparentemente, quebrasse alguma das regras instituídas no ambiente boêmio. Joãozinho da Babilônia, após ganhar bastante dinheiro em um joguinho de cartas de uma boca quente na Ladeira dos Tabajaras, decidiu que precisava dar o fora dali enquanto ainda era tempo. Em seu íntimo, no entanto, temia a reação da “curriola,” que poderia emboscá-lo: “Sair de jogo ganhando, deixando gente mordida, seria arriscar a pele. [...] Encarei os parceiros e atirei: — Paro. [...] Ali tinha coisa preparada? [...]. Iriam me dar um chá? A descida dos Tabajaras escura, um breu” (ANTÔNIO, 2002, pp. 85-86).

Na vida noturna do Rio de Janeiro, a violência, entretanto, nem sempre é física. Uma rejeição, uma humilhação pode ser mais dolorosa que um tiro ou facada. Como na cena passada na Galeria Alaska, presente no conto *Ô Copacabana!*, onde a violência se manifestou na mesquinhez e abjeção da relação entre um casal de pederastas. Um deles, o dominador na relação, devorava, com gula, um prato de comida. O outro, que era a parte submissa do casal, apenas olhava cada bocado com olhos famintos, mas não tinha direito de tocar no prato. Pela lei rígida desse tipo de convivência, ele terá de pagar a refeição do macho, mesmo não ganhando parte alguma do alimento (ANTÔNIO, 2001, pp. 90-91).

Observamos que a violência, ao longo do exame dos contos, é uma companheira constante dos personagens do subúrbio carioca, mas também dos que moram ou transitam pelo centro da metrópole do Rio. Sejam personagens trabalhadores, malandros boêmios ou simples “viradores”, nenhum deles se sente, de fato, seguro. A ausência de políticas públicas realmente voltadas para a melhoria das condições de vida nos subúrbios da ficção de João Antônio cria um estado permanente de tensão, insegurança e medo que, aos poucos, vai atingindo níveis insustentáveis e acaba eclodindo em atos de revolta, como brigas, depredações e agressões verbais e físicas entre personagens de todos os estratos suburbanos.

A vida incerta e cruel proporcionada pela segregação social da Modernidade, bem como a falta de acesso, por mínimo que seja, às comodidades da vida moderna, tornam os personagens joãoantonianos, cada qual em sua esfera de ação, conformados e melancólicos. Em determinadas situações, todavia, acabam sucumbindo à tensão e explodem em atos de violência que vão desde xingamentos e grosserias até surras e assassinatos de outros personagens. Muitas vezes, porém, a violência é auto-infligida, manifestando-se sob a forma da ingestão maciça de álcool e tóxicos e do abuso do tabagismo, num processo lento de auto-degradação.

Seja praticando ou sofrendo violência, os personagens se portam e reagem diferentemente uns dos outros. Alguns personagens respondem com indignação ao ver que estão causando pena, como é o caso de Mariazinha Tiro-a-Esmo: “que que é ô bicho? Ainda não viu gente assim, não, é?” (ANTÔNIO, 2001, p. 101). Outras se conformam e aceitam a violência como fato corriqueiro da vida, pelo menos aparentemente, como ocorre no episódio do casal de pederastas jantando no restaurante da Galeria Alaska.

Para alguns personagens, todavia, a violência faz parte da própria rotina de trabalho, como é o caso dos leões-de-chácara da Lapa carioca e de Copacabana. Afinal, eles precisam “disciplinar”

as “minas” e controlar, com violência se necessário, os “otários” que passam das medidas. A violência é desencadeada, também, por personagens que precisam garantir seu território, como no caso das prostitutas que defendem seus “pontos” na rua, impedindo que sejam invadidos por outras garotas de programa. A navalha é usada contra desafetos em casos extremos, mas, na maioria das vezes, os punhos e pernas, na capoeira, é que são empregados contra o inimigo.

Em síntese, João Antônio, por intermédio dos dramas vividos por seus personagens “merdunchos” dos subúrbios cariocas, denuncia a violência como um dos aspectos negativos do processo de urbanização das metrópoles. Uma das razões para o surgimento dessa tensão constante que provoca o recrudescimento dos atos de violência urbana é atribuída, na ficção literária brasileira, à imagem proposta por Baudelaire para explicar o fenômeno da “caducidade” das grandes cidades. Como vimos, essa imagem baudelaireana da caducidade, da decadência das grandes metrópoles, elaborada como forma de denúncia contra as reformas “progressistas” do Prefeito de Paris, Haussmann, encontra analogia na ficção literária de João Antônio, quando este elege, como temas de sua obra “a pobreza, a miséria, a violência, a degradação humana, a ausência de esperança [...] a consciência pessimista da história” (BOLLE, 1994, p. 35).

Portanto, segundo Bolle (1994, p. 35), o Brasil sofreu “um processo de modernização inacabado, para não dizer fracassado...” e o ficcionista João Antônio tinha consciência dos efeitos que esse fracasso provocava na vida e no espírito de seus personagens suburbanos. Esta “não conclusão” do processo de modernização reserva aos personagens dos subúrbios uma herança de miséria, exclusão, violência e alienação, resultantes do impedimento de participarem do sistema de produção e consumo. A solidão, a melancolia, o desespero e o conformismo se tornam, então, a máscara que recobre a face e a alma desses personagens.

João Antônio incluiu, em seus contos, suas próprias experiências de boêmio e as histórias que ouvia nos salões de sinuca, boates, cabarés e bordéis cariocas, bem como, mais tarde, das matérias jornalísticas que ele mesmo elaborava. De posse de tal material, o escritor reconstruía, ao ficcionalizar as histórias e façanhas dos antigos malandros, não apenas estas histórias de vida, mas a própria história das ruas, bairros, cabarés, bordéis e salões de sinuca que serviram de palco para que esta “fauna” específica de homens e mulheres, senhores e senhoras da noite, vivenciassem seus dramas e comédias pessoais.

Em suma, João Antônio, à maneira dos *flâneurs* de Baudelaire, saía a campo, investigando, andando atrás dos remanescentes dos tempos de glória da malandragem para colher-lhes os depoimentos, reminiscências e impressões que, depois, catalogava e lapidava para forjar, com este material, um ou mais personagens que “vivessem” as peripécias, aventuras e desventuras que lhe haviam sido narradas. Ao final, fica evidente, que os subúrbios representados na ficção de João Antônio realmente se configuram como o “refúgio dos infelizes”.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANTÔNIO, João. Testemunho de Cidade de Deus. In: **Casa de Loucos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

\_\_\_\_\_. **Ô Copacabana!** São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

\_\_\_\_\_. Joãozinho da Babilônia. In: **Leão-de-chácara**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

\_\_\_\_\_. **Leão-de-chácara**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.



BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Organização da edição brasileira de Willi Bolle. Colaboração de Olgária Matos. Trad. de Irene e Cleonice Paes Barreto. Belo Horizonte; São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

BOLLE. WILLI. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1994.

CRUZ, Cláudio Celso Alano. **Um Baudelaire para o século XXI**. Texto exclusivo para o curso Passagens Benjamin: Baudelaire, Paris, Borges, Buenos Aires. Ministrado no semestre 2009/2 na Pós-Graduação em literatura da UFSC.

HOHLFELDT, Antônio. Pra lá de Bagdá. In: HOHLFELDT, Antônio (selec.). **Melhores contos de João Antônio**. São Paulo: Global, 1997.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 29. Brasília, jan./jun. 2007.

SCHWARZ, Roberto. Generalidades. In: SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.